

TEOLOGIA E PASTORAL URBANA

Pe. Alfredo J. Gonçalves, CS

O esboço que segue serviu de base para um Seminário de extensão no Instituto Teológico São Paulo (ITESP), sobre *Teologia e Pastoral Urbana*. Mais do que um texto ou estudo exaustivo, trata-se de algumas observações, provisórias e preliminares, sobre a forma de pensar a teologia e a ação pastoral no universo urbano. Ver-se-á em seguida como cidade e urbano constituem coisas distintas, embora inextricavelmente entrelaçadas. E como a Igreja Católica – aqui nos limitamos ao campo católico – encontra-se despreparada para responder aos desafios dessa nova cultura ou mentalidade urbana. Suas estruturas canônicas, jurídicas e burocráticas, bem como seu peso histórico e organização semi-feudal, representam, não raro, um entrave ao natural dinamismo da realidade urbana.

1. O Conceito de Urbano

O tema da Pastoral Urbana vem ganhando terreno. A pergunta clássica é: como traduzir a Boa Nova de Jesus Cristo nas cidades ou metrópoles? Aqui, de início, há um equívoco que é necessário desfazer. Universo urbano e cidade não são sinônimos. O termo universo não é gratuito. Ele configura um conjunto de idéias, valores e comportamentos que contrapõe ao universo rural. Mais do que conceitos geograficamente determinados, estamos falando de conceitos culturais. Neste sentido, os limites do mundo urbano não coincidem com os limites da cidade. Como veremos, o universo urbano se contrapõe ao universo rural enquanto duas visões de mundo distintas, mas, ao mesmo tempo, suas fronteiras não são nítidas e precisas como ocorre, geograficamente, entre cidade e campo.

Para Manuel Castells, “quando falamos de ‘sociedade urbana’ não se trata nunca da simples constatação de uma forma espacial. A ‘sociedade urbana’, no sentido antropológico do termo, quer dizer um certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação”¹. Já para Ulf Hannerz, “nós tendemos a definir a realidade urbana, em primeiro lugar, como um particular sistema de relações sociais e só secundariamente, e em modo derivado, como um conjunto de idéias e valores dos cidadãos. Portanto, só depois de haver desenvolvido suficientemente a descrição da estrutura social que se pode definir a cultura urbana”². Embora ambos combinem no caso das “relações sociais”, diferem quanto aos valores.

Quando nos referimos a mundo urbano, portanto, está em jogo não apenas um campo geográfico determinado e limitado, e sim uma nova mentalidade, um novo jeito de ser, uma nova cultura. Se quisermos, uma nova linguagem, a linguagem do século XXI. Confrontando urbano e rural, estamos pondo de um lado um mundo plural, livre, predominantemente democrático, em constante mudança, aberto a opções variadas; e, de outro, um mundo marcado por um tipo de tradicionalismo fechado, repetitivo, fortemente hierarquizado, se possível imutável. No primeiro caso, é como se as pessoas nascessem revestidas de valores que passam de avô para pai e para filho, como também de destinos pessoais mais ou menos traçados. Um mundo em que as novidades não estão previstas e as pessoas se regem pelo tempo da natureza: sol, lua, estações do ano, plantio e colheita, e assim por diante.

No segundo caso, ao contrário, é como se as pessoas nascessem nuas, tendo que escolher passo a passo seus valores e abrir sua trajetória de vida. Enquanto num caso, o caminho de

¹ CASTELLS, Manuel. *A Questão Urbana*, Editora Paz e Terra, São Paulo, Brasil, 2000, pg. 126.

² HANNERZ, Ulf. *Esplorare la città*. Antropologia della vita urbana, Società Editrice il Mulino, Bologna, Itália, 1992, pg. 84.

cada um já vem mais ou menos determinado deste o nascimento, no outro o sujeito, em meio a uma imensa gama de atividades, tem que “abrir sua picada” numa selva de pedra repleta de surpresas. No caso do Brasil, com seu patriarcalismo histórico, mas também de muitos outros países, podemos afirmar com o filósofo Hegel que, efetivamente “o ar da cidade torna livre”.

2. Números e rostos

O Brasil é um país urbano. Nas últimas décadas sofreu uma acentuada transição de um universo para outro. Evidente que o êxodo rural ajuda a intensificar essa transição do universo rural para o universo urbano. Ao redor de 40 milhões de pessoas trocaram o campo pela cidade entre os anos 60 e 70. Daí para cá o êxodo rural desacelerou-se, mas permaneceu intenso. Atualmente, menos de 20% da população continua residindo no campo, mas grande parte com os olhos voltados para a cidade. As dez maiores cidades brasileiras concentram perto de 50 milhões de habitantes. A mancha urbana da maior metrópole do país e da América do Sul abriga cerca de 25 milhões de pessoas. Enquanto os pólos urbanos do interior dos estados crescem, muitas pequenas cidades vão se transformando em fantasmas, como é caso do norte do Paraná. Segundo dados do último censo do IBGE, na própria região norte do país, tradicionalmente chamada de fronteira agrícola, a urbanização segue acelerada.

Esse fenômeno combinado de urbanização, metropolização e periferização é igualmente marcante em muitos países de todo o Terceiro Mundo – América Latina, Ásia e África. Em grande parte deles, a população da capital contém um terço ou até metade de toda a população nacional. Basta citar os exemplos de México, Peru, Argentina, Argélia, Colômbia, Venezuela, Guatemala, Nigéria, Indonésia, Filipinas, Coreia do Sul, entre tantos outros. China e Índia constituem casos à parte pelo gigantismo e precariedade de suas numerosas metrópoles.

Convém alertar aqui para duas observações citadas na obra de Brigitte Saviano. “Recente reportagem da Folha de São Paulo, de 28 de junho de 2007, sob o título ‘População das cidades supera a rural no planeta’, salienta que ‘o mundo vivencia em 2007 um marco histórico: pela primeira vez a população urbana se iguala à rural e, a partir de 2008, será cada vez mais predominante’”³. Por outro lado, “segundo os cálculos mais novos da ONU, em 2030, pela primeira vez na história, dois terços da população mundial estarão morando em regiões urbanas, enquanto atualmente já dois terços de todas as crianças no mundo inteiro crescem em cidades”⁴

De acordo com a obra de Olivier Mongin, “existem hoje no mundo 175 cidades com mais de um milhão de habitantes. As 13 mais povoadas dentre elas situam-se na Ásia, África e América Latina. Existem 33 megalópoles anunciadas para o ano de 2015, e somente uma, entre as dez maiores, – Tóquio – será uma cidade rica”⁵.

Infelizmente, as grandes cidades costumam apresentar um flagrante contraste entre centro e periferia, ou então entre ilhas de bem estar e um mar de miséria. Basta colocar lado a lado os condomínios fechados, de alto luxo, e as imensas manchas de casebres ou favelas que lhes circundam. Sem contar que muitas vezes, como dizia Dom Paulo Evaristo Arns referindo-se aos cortiços do centro degradado, “a maior periferia está no centro”⁶. Mas a

³ ARAÚJO, Dom Serafim Cardeal Fernandes. In: *Pastoral das Megacidades – Um desafio para a Igreja da América Latina*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008, pg. 14 (Apresentação).

⁴ SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas Megacidades – Um desafio para a Igreja da América Latina*, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2008, pg. 22.

⁵ MONGIN, Olivier. *La Condición Urbana – La ciudad em la hora de la mundialización*, Editorial Paidós SAICF, Buenos Aires, Argentina, 2006, contracapa.

⁶ Palestra em uma assembléia arquidiocesana, em 1988.

história é antiga. Tem origem na “agitação febril”⁷ que acompanhou a Revolução Industrial e o nascimento e consolidação do sistema capitalista de produção. “Para os planejadores de cidade, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios devem ser impedidas e cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurarem habitações em lugares menos perigosos” – registra o historiador Hobsbawm, concluindo que “as cidades ainda devoravam suas populações”⁸.

3. Uma transição difícil

Mas a transição do mundo rural para o mundo urbano não é somente um fenômeno demográfico. Trata-se, antes, de uma passagem marcadamente cultural. Muitas pessoas sofrem essa transição sem jamais terem ultrapassado as fronteiras de seu município na zona rural, sem jamais terem saído do campo. Outras, mesmo tendo se transferido para a cidade, seguem convivendo em uma espécie de “guetos” rurais, onde se vive, se fala e se comporta como se estivesse “lá no norte”. Na grande cidade, não é difícil encontrar um quarteirão inteiro, uma favela ou um cortiço onde quase todos os moradores são originários de uma única cidade, reproduzindo aí o estilo de vida nordestino.

Na Pastoral da Moradia, atuei pastoralmente num cortiço em no centro de São Paulo onde umas 30 famílias do município de Ipirá, sertão da Bahia, o conheciam como a porta de entrada na cidade e como trampolim para galgar outros degraus. Ali viviam pintores, pedreiros, empregadas domésticas, ajudantes gerais, etc.⁹ Já anteriormente, na zona leste de São Paulo, havia atuado numa favela onde creio que mais de 90% das famílias eram originárias da região de Serra Talhada, sertão de Pernambuco.¹⁰ Tanto na favela como no cortiço, os costumes, os namoros, a linguagem e até os apelidos dos lugares de origem se reproduziam no destino. Era comum o leva-traz de encomendas e de cartas nas freqüentes viagens “ao norte”. Eu mesmo, com a permissão de algumas famílias, consegui acumular mais de 200, que posteriormente foram utilizadas num trabalho dede final de curso no Instituto teológico.¹¹

Na mudança do mundo rural para o mundo urbano, no fundo o que ocorre é a passagem de uma visão de mundo para outra. Esta transição não se dá necessariamente nem somente com a migração. Esta pode acelerar o processo que em geral é lento, mas esse processo pode começar bem antes das pessoas deixarem o campo. Que o digam, por exemplo, os jovens dos grotões rurais brasileiros, como o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, ou o sertão e agreste dos estados do Nordeste. Neles verifica-se um modo de ser, de vestir-se e de comporta-se que se poderia classificar de uma mescla rural-urbana ou urbano-rural, de acordo com o grau de assimilação da linguagem urbana.

Também os migrantes na cidade não raro apresentam essa duplicidade de comportamento. Passar de um universo a outro não é apenas uma questão de mudar de lugar, mas muito mais uma forma de ir adquirindo uma nova maneira de entender a vida e os valores e de se posicionar perante ambos. Convém não esquecer que as “luzes e tentações” do mundo urbano, por vezes, fascinam e seduzem com mais força aqueles que se encontram no campo, com pouca ou nenhuma possibilidade de mudar, do que os que já se transferiram para a cidade.

⁷ Expressão utilizada pela Encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, publicada em 1891

⁸ HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*, Editora Paz e Terra, 2ª edição, Rio de Janeiro, Brasil, 1979, pg. 224.

⁹ Chamado “Cortiço da Rua do Carmo”, ao lado da Igreja na Boa Morte, zona central da cidade.

¹⁰ Favela do Iguaçú, ao lado da Vila Industrial, na divisa entre São Paulo e Santo André.

¹¹ Refiro-me ao trabalho de PARISE, Paulo, sobre o conteúdo religioso das cartas.

Tudo isso nos ajuda a concluir que Pastoral Urbana não se confunde com Pastoral de Cidade. Trata-se, antes, de responder pastoralmente, e socialmente, a essa difícil transição de um universo a outro. A passagem costuma ser dolorosa e abrir profundas feridas. Há os golpes provocados pela migração do campo para a cidade, por um lado, mas há também os golpes causados por mudanças nos usos e costumes que essa transferência significa. De resto, muitas vezes são tais usos e costumes que com frequência migram em sentido inverso, isto é, da cidade para o campo, via o vaivém dos migrantes, via os programas de televisão e até via Internet. A mentalidade, cultura ou linguagem urbana se expande pela zona rural juntamente com as inovações tecnológicas das comunicações, dos transportes e da informática.

Na mudança há valores e contravalores. Para as mulheres, por exemplo, muitas vezes essa transição as liberta do controle masculino tão característico do mundo rural, seja por parte do pai, do irmão mais velho quando morre aquele, ou do marido quando se casa. Mas há também o risco, na zona urbana, de submeter-se a outros tipos de escravidão, seja de ordem trabalhista, seja de exploração sexual. Há casos em que os rapazes do interior se recusam a casar com moças que já passaram algum tempo na cidade, em geral como empregadas domésticas ou dos serviços em geral. Alegam que elas não são mais virgens. No fundo, o que eles temem é a visão de maior liberdade e autonomia feminina, numa união matrimonial mais igualitária.¹²

No caso dos homens, muitos que já tiveram experiência de trabalho na cidade, normalmente são rejeitados como empregados nos projetos do agronegócio ou simplesmente por outros pequenos e médios agricultores. São considerados perigosos por sua liderança. A experiência sindical e/ou dos movimentos sociais na zona urbana os ajudou a “abrir os olhos para seus direitos”. Como se pode ver, a transição rural-urbana comporta ambigüidade que devem ser estudadas caso a caso. “No fundo, a grande cidade se revela como a arena típica onde se exprimem as contradições e as possibilidades da liberdade que o indivíduo obteve no mundo moderado”!¹³.

4. Mundo urbano e religião católica

Se entrarmos no mundo religioso, as ambigüidades são ainda mais marcantes. Enquanto no universo rural, especialmente brasileiro, a Igreja Católica constitui uma espécie de “supermercado” onde a pessoa encontra tudo o que necessita em termos do sagrado, no universo urbano, multiplicam-se os “botecos” de todos os gêneros e gostos. A marca do pluralismo religioso e cultural é uma das características mais significativas desse universo. Tanto a mosaico das expressões culturais quanto o mosaico da fé se torna infinitivamente mais variado. Com isso, a fé tende a deixar de ser uma *tradição familiar* para converter-se em uma *escolha pessoal*. Religião deixa de ser herança e passa a ser um assunto eminentemente individual. Não é sem razão que em um número crescente de famílias podemos encontrar mais de uma opção religiosa. As tensões e hostilidades nesse campo, como também o maior ou menor grau de proselitismo, são bem conhecidas.

Por outro lado, se no universo rural podemos classificar o cristão-católico de *fiel*, por uma participação, tradicional, inquestionável e prolongada, no mundo urbano, o que temos é muito mais um *consumidor*, que facilmente transita de uma “religião” a outra, sem qualquer tipo de escrúpulo. Isso leva não poucos a criar sua própria religião, uma espécie de colcha de retalhos, costurada bem ou mal com valores de uma e outra. É o que alguns estudiosos chamam de “religião de bricolagem”. Também há os que passam a interiorizar os valores

¹² Devo esta observação a Vanderlúce Pessoa e a Pe. José Roberto, os quais por algum tempo, em São Paulo, acompanharam um grupo de empregadas domésticas do Vale do Jequitinhonha.

¹³ HANNERZ, Ulf. op. cit. pg. 40.

religiosos, mesclando-os com outras atrações do mundo urbano, e criando uma espécie de fé sem religião. “Acredito em Deus, mas não quero saber de religião”, numa atitude que simplesmente dispensa a intermediação institucional. Amplia-se, com isso, o fenômeno da religião privatizada: um conjunto de princípios que vale como uma espécie de referencial interior, mas sem conseqüências para o posicionamento sócio-político ou eclesial.¹⁴

Há também forte ambigüidade na autenticidade das expressões religiosas. No universo rural, as pessoas tendem a seguir as tradições dos antepassados, mantêm laços primários e duradouros, respeitando uma espécie de conveniência social. Transgredir a tradição é expor-se à crítica social e a um severo controle da vizinhança. Visitar o padrinho por ocasião do Natal e receber dele um presente, por exemplo, é uma instituição intocável, entre tantas outras. Já no universo urbano, as relações tendem a costurar laços mais livres, autênticos e verdadeiros. As pessoas costumam visitar-se e desenvolver novas formas de amizade. Se é verdade que a solidariedade parece mais coesa no campo e frágil na cidade, também é verdade que por trás dessa avaliação podem esconder-se conveniências tradicionais de dependência pessoal, às vezes inquestionáveis, ou hipocrisias tácitas e inconfessadas.

5. O vínculo com a instituição.

Outra característica que diferencia o universo rural e o universo urbano é o tipo de vínculo que se estabelece com a instituição religiosa católica. No primeiro caso, o *fiel*, como o conceito indica, mantém uma participação mais ou menos assídua, permanente. Preocupa-se com a caminhada da sua capela, comunidade, paróquia ou diocese. Tende a marcar presença regular nas festas da Igreja e acompanha o calendário religioso católico. No mundo urbano, tudo isso vai mudando de uma geração a outra. A primeira geração de migrantes ainda se preocupa em formar a comunidade, construir o templo, preparar a quermesse, constituir as CEB's e os grupos tradicionais de oração e de trabalho, como participar do Apostolado da Oração, dos Vicentinos, e assim por diante. Basta retroceder aos anos 60 e 70 na periferia de São Paulo, por exemplo.

Já a segunda geração, embora ainda ligada à comunidade local, começa a criar vãos mais largos, pouco a pouco vai se desvinculando de compromissos regulares com a própria comunidade ou paróquia, passa a estabelecer laços mais amplos e menos vinculantes. Nasce, por exemplo, os grupos de música mistos, festivais inter-comunitários, os contatos entre grupos de jovens que extrapolam os limites geográficos da paróquia. Esta começa a revelar-se estreita para a visão aberta da mentalidade urbana. Além do mais, as “luzes da cidade” oferecem espetáculos muitos mais atraentes e fascinantes, mesmo de um ponto de vista religioso.

Quanto à terceira geração, entra de cheio nos chamados movimentos religiosos, quando não pula para as várias opções pentecostais, inclusive a de natureza católica. “O sopro do espírito” cria as mais diferentes formas de viver a própria fé. Com a facilidade dos meios de comunicação e de transporte, estabelecem-se grupos comunitários por afinidade ou por interesse, seja este interesse de ordem material, emocional, religioso, psíquico, de amizade ou de qualquer outra natureza. O dinamismo de uma fé viva e revigorada e os encontros e reencontros desvinculados do calendário litúrgico desconhecem completamente as circunscrições geográficas da paróquia ou diocese. É como se um vinho novo rompesse

¹⁴ As observações contidas neste parágrafo devem muito aos debates promovidos pelo CERIS (Centro de Estatísticas Religiosas e Sociais) e pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), como também ao estudo de ANTONIAZZI, Alberto, CALIMAN, Cleto. *A presença da Igreja na cidade*, Petrópolis – RJ, 1994.

com o estreitismo jurídico e canônico de uma Igreja cujas estruturas se relevam obsoletas e anacrônica para a agilidade e a fluidez do mundo urbano. Citando novamente Olivier Mongin, aqui os *fluxos* rompem definitivamente com os *lugares*¹⁵. Criam-se espécie de comunidades eventuais, momentâneas, efêmeras, e virtuais, sem maiores compromissos reais de continuidade. O carro, o telefone e a Internet – como meios de rápida comunicação à distância – a facilitam essa nova forma de vivenciar a fé.

A vinculação à Igreja passa muito menos por uma fidelidade de pertença à comunidade, paróquia ou diocese, do que pela procura de interesses e motivações particulares. Utilizando uma linguagem comercial, as pessoas buscam produtos bem precisos e para fins imediatos e instantâneos. Talvez esse seja um dos motivos, entre tantos outros, para a chamada “crise das CEB’s”, tão vivas nos anos 70, pois as mesmas continuam fortemente vinculadas a um território, uma paróquia. Já as Pastorais Sociais e Movimentos Religiosos, proliferaram nos anos 80, uma vez que se desenvolvem e operam à margem ou acima das circunscrições eclesiais.

Aliás, numa metrópole como São Paulo há pessoas que residem numa diocese, trabalham numa segunda diocese e, nos fins-de-semana, visitam os parentes e amigos numa terceira diocese. Essas pessoas, se católicas, terão dificuldades quanto ao acesso aos sacramentos, devido às exigências de ordem, burocrática, canônica e jurídica. Entre os tantos obstáculos do dia-a-dia, poderão encontrar na Igreja mais uma porta fechada. De resto, nesta imensa mancha urbana, quem conhece os limites de sua paróquia ou diocese? Daí a necessidade de uma adaptação das estruturas eclesiais à dinâmica e fluidez do universo urbano!

O ritmo da vida urbana e sua linguagem exigem outros tipos urgentes de adaptação. A metrópole é um organismo vivo e vibrante. Luzes e sons, cores e imagens jamais a deixam dormir. Determinadas Igrejas Pentecostais já descobriram isso e mantêm alguns tempos abertos dia e noite. Além disso, é sabido que, de um ponto de vista da acolhida, estão muito mais abertas ao grito que as pessoas trazem preso na garganta. Como acolher esse grito na Igreja Católica sem encher a pessoa de perguntas!

Quanto à linguagem, nossas atividades e mensagens insistem em privilegiar a mensagem verbalizada, quando o mundo urbano se comunica com imagens, códigos e símbolos. O teatro, a dança, a poesia têm pouca aceitação na liturgia e na pastoral. Neste campo da linguagem, não basta passar o microfone ao povo. Mesmo que o microfone não seja monopólio dos “agentes e lideranças”, isso chega a criar situações altamente constrangedoras. O importante aqui é abrir espaço para outros de tipos de comunicação popular, às vezes mais ricos coreograficamente que nossos sonolentos sermões ou avisos ao final da missa.

Conclusão

Ao final dessas considerações, absolutamente provisórias e carentes de melhor averiguação, cabem algumas perguntas de ordem teológica. A primeira pode ser o desafio, cada vez mais premente, de olhar para o meio urbano como um lugar eminentemente teológico. “Deus mora nesta cidade” (Sl 47,9), mas principalmente, o rosto e a voz de Deus se fazem presente neste universo cultural que se complexifica a cada dia. O poema de Isaías (Is 65, 17ss) e o capítulo 21 do Apocalipse poderiam orientar essa descoberta de que “esta é a tenda de Deus com os homens, Ele vai morar com eles” (Ap 21,3). Se é verdade que a cidade é a maior de entre as obras humanas, Deus assume e santifica a história universal vindo morar nela.

¹⁵ MONGIN, Oliviet, op. cit.

Outra pergunta: como sentir a voz de Deus num universo marcado por um espetáculo de luzes, sons e imagens, tão movimentado e ruidoso? A experiência de Jesus aqui pode ser nosso farol: foi descendo aos “infernos do sofrimento humano” e chorando sobre Jerusalém, quem sabe tocado pela miséria de seus sórdidos porões, que Jesus descobre a imensa misericórdia do Pai. O mundo urbano acumula luzes e sombras. Estas sombras, feitas de dores e violência, receberam do olhar de Jesus um brilho que pode transformá-las de forma definitiva.

Também não seria ocioso confrontar a concepção de cidade no Antigo Testamento e no Novo Testamento. Na antiga aliança, apesar dos poemas à Nova Jerusalém e Sião, nos deparamos no capítulo 11 ou 18 do Livro do Gênesis, respectivamente, com a divisão no caso de Babel e a devassidão no caso de Sodoma e Gomorra . Ou ainda a Nínive idolatra e pagã do Livro de Jonas. Tudo isso contrasta com a cidade amada e chorada por Jesus, glorificada no Livro do Apocalipse e laboriosamente visitada e evangelizada pelas viagens do apóstolo Paulo.¹⁶

Por fim, como vimos, o universo urbano é fortemente marcado pelo pluralismo cultural e religioso. Em meio a uma profusão de deuses, expressões religiosas e buscas sinceras, como descobrir o rosto do Deus Verdadeiro? Talvez nos possa ajudar o episódio de Paulo no Areópago de Atenas (At 17,1634). Ali Paulo insiste em deixar de lado os ídolos e falar do Deus Desconhecido. João Paulo II referia-se aos tempos modernos, ou pós-modernos, como de um imenso areópago. Nele o Deus verdadeiro é sempre desconhecido, ao mesmo tempo revela e esconde sua face. Deuses demasiadamente conhecidos são deuses manipuláveis, feitos à nossa imagem e semelhança.

São Paulo, 20 de outubro de 2008

¹⁶ MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*, São Paulo, Paulus, 1992.